

Confidencial

Rio, 11 de março de 1892

Meu caro Ruy.

Deixa-me abrir-te o coração... Mas não vejas, não meus queixumes, si porventura o são, o minimo resentimento, pois, a minha amizade jamais enfraquecerá de uma linha sequer, continuando em a ser sempre o mesmo, ainda que tudo seja verdadeiro: o teu mais extremo defensor e o mais leal e desinteressado dos teus amigos.

Quando o Jornal do Commercio publicou em suas varias a noticia de que ias para o Jornal do Brazil, eu apenas cortei a local e enviei'ta collada em um meu cartao de visita. No dia recebi a tua carta e nada me disseste a respeito; tendo, entretanto, me encontrado com o Amaral e depois com o Affonso, ambos me disseram que lhes mandaste dizer que eu devia, pelo Diario, ter desmentido o boato. Não o fiz, porém, não somente por não ter o ouvido, como por que uma razão havia e poderosa que m'o impedia. O Diario procurou o Murinho e convidou-o para tomar um quinhão do Jornal do Brazil, dizendo-lhe que o redactor em chefe seria tu. A esta proposta, como era natural, levado pela amizade que nos liga, Murinho declarou-lhe que jamais poderia fazer parte de um jornal que por sua organisacao me pudesse ferir directa ou indirectamente. E como o Murinho outros amigos me não interrogado si de facto deixas o Diario, ficando eu seriamente embaraçado para responder.

Estas condições, comprehende o meu Ruy, que eu podia, como outr'ora, ficar com uma congestão de fígado com a noticia mas não podia desmentila, pois, um

amigo nosso tratava da questão abertamente. As  
declarações do Amaral e Afonso me tranquilizaram,  
hontem, porém, o Victorino, que jantou em minha  
casa, asseverou que a tua entrada para o Jornal  
do Brazil estava de pedra e cal. Compreendes o pezar  
que me causou tal asseveração que leva-me a escrever  
te esta que, se tem valor, é pela sinceridade de que é  
repassada.

Não sei se escrevo já ao redactor principal do Journal do Brazil, mas o que é certo, é que entre o jornal  
que se fundou pela restauração e o Diario de Notícias,  
que se restaurou para o eminente jornalista Ruy  
Barboza — ha um abysmo, perdoe-me assim dizê-lo.  
Entre a folha dos Milionarios criada para defender  
uma causa má e o jornal dos pobres, fundado  
para a defesa da causa santa da liberdade e da demo-  
cracia — não pôde haver comparação. Entre a osten-  
tação de um e a modestia e difficuldades de outro  
que é feita a custa de sacrificios e com honestidade — ha  
uma differença profunda. O jornal que se bateu  
pela federação e pela Republica não pôde ser com-  
paravel com aquelle que aspirava a volta do im-  
perador e o restabelecimento do parlamentarismo!

As tradições valem sempre alguma coisa,  
e entre o ministro da fazenda do governo provisório e o represen-  
tante da monarchia, não vacilo nem vacilarei jamais.  
Prefiro o primeiro com todo o meu enthusiasmo de novo,  
que ainda não se foi pelo correr do tempo que tudo consumme.

Desculpe-me essas phrases produzidas por essas noticias  
que reaes ou não, sempre me incommodam, sempre me acbru-  
nham, porque a minha lealdade é impermeavel, minha  
amizade — sincera, e minha sinceridade — profunda.

Não comprehendo, meu Ruy, que sendo tu co-proprietario do Diario de Noticias, que tem sabido se manter altamente no caminho do dever e da honestidade, honrando as suas tradições, o seu passado, penses em passar para outro jornal, sem ao menos previnir-me, abandonando deste modo aquelle que desinteressadamente, gloriosamente, foi roubar-te as acochegas de tua estremitada familia para dar-te a tribuna de onde concorraste para ser bar um throno e estabelecer ~~por~~ Republica Brasileira que o jornal combatem em quanto pôde.

● Nem sabes o sacrificio que tenho feito com a sustentação do Diario, gastando todas as minhas economias para sustentalo sempre honrado e independente, sem jamais incommodar o meu amigo nem com a exhibição da receita que é pequena e a da despesa que é enormissima.

Pela nota inclusa tirada pelo nono guarda-livros, verás o sacrificio pessoal que hei despendido e por ella poderás avaliar se tenho ou não razão de incomodar-me pelo futuro, pois o pouco que havia adquirido hei gasto na impreza que até hoje tem sabido se manter com honra, sem haver se transviado um só instante do dever promovendo a despesa desta ou daquella causa por interesse pecuniario ou de outra ordem, nem recebendo do theouro o mais insignificante pagamento de publicações officiaes ou officiosas do governo.

● Li os teus amigos de hoje querem te ver na imprensa e tambem o quero e ninguém o deseja mais sinceramente e ninguém tem insistido mais do que eu pela tua volta durante todo o anno passado, não por interesse de ordem particular, mas para equalteer o teu nome, fazendo com o teu extraordinario talento, desaparecer essa má vontade e essa inveja que ha contra ti, restabelecendo

a golpes de tua penna encastada a tua gloria pas-  
sada. Mas tudo isto o fiz lealmente, sinceramente  
desinteressadamente; outros, porém, talvez tenham  
feito com mais felicidade.

Perdoe-me, meu Rui, se porventura alguma  
phraxe me tenha cahido da penna mais carre-  
gadamente, e continue a acreditar na minha  
sinceridade e na minha dedicação.

Sempre teu ami.<sup>o</sup> dedicado

Alfredo